

**A INCLUSÃO DA COMUNIDADE SAN NO AMBIENTE ACADÉMICO –  
RELIGIOSO – SOCIAL: UM ESTUDO NAS COMUNIDADES SAN DA  
DERRUBA (CHICUNGO) E DA HÚPA (CACULA)/ANGOLA**

THE INCLUSION OF THE SAN COMMUNITY IN THE ACADEMIC, RELIGIOUS,  
AND SOCIAL ENVIRONMENT: A STUDY IN THE SAN COMMUNITIES OF  
DERRUBA (CHICUNGO) AND HÚPA (CACULA), ANGOLA

LA INCLUSIÓN DE LA COMUNIDAD SAN EN EL ENTORNO ACADÉMICO,  
RELIGIOSO Y SOCIAL: UN ESTUDIO EN LAS COMUNIDADES SAN DE  
DERRUBA (CHICUNGO) Y HÚPA (CACULA), ANGOLA

**Boaventura Beleza dos Santos Nolasco<sup>1</sup>, Américo Malenga Jamba<sup>2</sup>, Avelina Clarice Salomão  
Edmundo José<sup>3</sup>**

DOI: 10.54899/dcs.v23i90.5709

Recibido: 24/04/2026 | Aceptado: 22/05/2026 | Publicación en línea: 28/05/2026.

### RESUMO

Este artigo analisa as condições de inclusão da comunidade San em três domínios fundamentais da vida: académico, religioso e social. A investigação centra-se nas comunidades San da localidade da Derruba (município de Chicungo) e da comunidade Húpa (município de Cacula), na província da Huíla, Angola. Por meio de uma abordagem qualitativa e estudo de caso, o artigo revela os desafios enfrentados por estas comunidades, bem como as práticas inclusivas emergentes que contribuem para o reconhecimento da sua identidade cultural e participação plena na sociedade. Os resultados visam à necessidade de uma abordagem mais integrada, intercultural e participativa nas políticas públicas e práticas sociais. Esta situação manifesta o quadro vivo, no âmbito da participação da comunidade San em atividades; i) religiosas, mormente as de orientação Católica e Evangélica, ii) académicas, quanto a inserção de seus filhos em ambientes escolares para a sua formação e iii) socioeconómicas, quando a comunidade é envolvida na prática agro-pecuária, no sentido de garantir a autossuficiência alimentar.

**Palavras-chave:** Comunidade San. Inclusão. Educação Intercultural. Justiça Social.

### ABSTRACT

This article analyzes the conditions of inclusion of the San community in three fundamental domains of life: academic, religious, and social. The research focuses on the San communities of Derruba (municipality of Chicungo) and Húpa (municipality of Cacula), in Huíla Province,

<sup>1</sup> Doutor em Matemática e Aplicações, Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal, Lubango, Huíla, Angola. E-mail: boaventura.nolasco@isced-huila.edu.ao Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4726-6159>

<sup>2</sup> Mestre em Ensino das Ciências, Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED), Lubango, Huíla, Angola. E-mail: americo.jamba@isced-huila.edu.ao Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9885-3494>

<sup>3</sup> Mestre em Ensino das Ciências, Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED), Lubango, Huíla, Angola. E-mail: avelina.jose@isced-huila.edu.ao Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9959-5728>

Angola. Through a qualitative approach and case study methodology, the article reveals the challenges faced by these communities, as well as emerging inclusive practices that contribute to the recognition of their cultural identity and full participation in society. The results highlight the need for a more integrated, intercultural, and participatory approach in public policies and social practices. This situation reflects the realities experienced regarding the participation of the San community in: i) religious activities, especially those of Catholic and Evangelical orientation; ii) academic activities, concerning the inclusion of their children in school environments for educational purposes; and iii) socioeconomic activities, when the community is involved in agricultural and livestock practices aimed at ensuring food self-sufficiency.

**Keywords:** San Community. Inclusion. Intercultural Education. Social Justice.

## RESUMEN

Este artículo analiza las condiciones de inclusión de la comunidad San en tres ámbitos fundamentales de la vida: académico, religioso y social. La investigación se centra en las comunidades San de la localidad de Derruba (municipio de Chicungo) y de la comunidad Húpa (municipio de Cacula), en la provincia de Huíla, Angola. Mediante un enfoque cualitativo y un estudio de caso, el artículo revela los desafíos enfrentados por estas comunidades, así como las prácticas inclusivas emergentes que contribuyen al reconocimiento de su identidad cultural y a su participación plena en la sociedad. Los resultados evidencian la necesidad de un enfoque más integrado, intercultural y participativo en las políticas públicas y las prácticas sociales. Esta situación refleja la realidad vivida en relación con la participación de la comunidad San en: i) actividades religiosas, especialmente las de orientación católica y evangélica; ii) actividades académicas, en cuanto a la inserción de sus hijos en ambientes escolares para su formación; y iii) actividades socioeconómicas, cuando la comunidad participa en prácticas agropecuarias destinadas a garantizar la autosuficiencia alimentaria.

**Palabras clave:** Comunidad San. Inclusión. Educación Intercultural. Justicia Social.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

---

## INTRODUÇÃO

A comunidade San, um dos povos autóctones mais antigos da África Austral, continua a enfrentar diferentes obstáculos à sua plena inclusão na sociedade angolana, especialmente nas esferas da educação, religião e participação social. Em Angola, a situação dos San tem recebido alguma atenção nos últimos anos, mas permanece marcada por desigualdades históricas, exclusão cultural, apego excessivo aos seus próprios valores e acesso limitado aos direitos básicos. Este estudo investiga as formas pelas quais as comunidades San da Derruba (Chicungo) e da Húpa (Cacula) se inserem – ou são excluídas – dos contextos académico, religioso e social, propondo

caminhos para uma inclusão mais efectiva, respeitosa e sustentável. Através de uma abordagem qualitativa, busca-se compreender como políticas públicas; acesso a Escola, e relações inter-religiosas podem contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e intercultural.

## **OBJETIVO DA PESQUISA**

Analisar o nível de inclusão da comunidade San nos diferentes aspectos da vida: académica, religiosa e social nas localidades da Derruba (Chicungo) e da Húpa (Cacula). Esse estudo tem várias finalidades específicas, como:

**Identificar desafios e barreiras** enfrentadas pela comunidade San no acesso à educação formal, à participação em práticas religiosas e à integração na sociedade em geral.

**Avaliar as políticas públicas e iniciativas existentes** voltadas para a inclusão dessa comunidade, na verificação de sua eficácia e impacto.

**Compreender as percepções** da população local e das instituições (escolas, igrejas, governos locais, ONGs) sobre a presença e participação da comunidade San.

**Propor recomendações** para melhorar a inclusão da comunidade San, sugerindo programas sociais ou acções comunitárias no fortalecimento da sua integração e valorização cultural.

Em suma, a pesquisa visa fornecer um diagnóstico sobre a inclusão da comunidade San e oferecer subsídios para a criação de estratégias que promovam a igualdade de oportunidades na convivência e respeito nos ambientes; académico, religioso e social.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A inclusão de grupos historicamente marginalizados constitui um dos grandes desafios das sociedades contemporâneas que se pretendem justas, democráticas e equitativas. A comunidade San, tradicionalmente nómada e detentora de uma rica herança cultural, representa um desses grupos cuja participação plena na vida **social, académica e religiosa** tem sido limitada por diversas formas de exclusão reiterada.

Vários estudos foram e têm sido feitos sobre a comunidade San, dada as suas características particulares, bem como o seu estilo de vida, e o risco de extinção no planeta terra. Assim, estudiosos renomados fizeram as suas pesquisas no intuito de explorar a vida

socioeconómica e cultural do povo San na África Austral, tal como se detalha a seguir.

Os autores Pedro e Mussili (2022) fazem um estudo nos grupos Kung e Kwedi de Angola que são variedades do grupo etnolinguístico Khoisan habitando quase em toda a região da África Austral, sendo considerados como os primeiros habitantes da África e do planeta. Estes autores procuraram descrever o processo de integração que os Kung e Kwendi do Cunene (Angola) enfrentam.

### **Inclusão Social e Justiça Social**

A inclusão social refere-se ao processo pelo qual os indivíduos ou grupos marginalizados passam a ter acesso equitativo aos recursos, oportunidades e participação na vida comunitária (Silver, 1994). Para Fraser (2003), a justiça social exige a superação não apenas da desigualdade económica, mas também do desrespeito cultural e da negação de participação política, sendo assim, a inclusão deve considerar tanto a redistribuição económica quanto ao reconhecimento cultural. No caso da comunidade San das localidades da Derruba e da Húpa, isso implica criar condições para que suas vozes, saberes e modos de vida sejam reconhecidos e respeitados no espaço público.

### **Educação Intercultural e Inclusiva**

No campo académico, a inclusão da comunidade San demanda a adoção de uma abordagem intercultural, que reconheça a pluralidade de epistemologias e valorize o conhecimento tradicional como legítimo. Segundo Candau (2012), a educação intercultural não se limita à presença física dos sujeitos na escola, mas implica diálogo entre saberes, revisão de currículos e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural.

Além disso, autores como Ainscow e Booth (2002) defendem uma educação inclusiva centrada na eliminação das barreiras à aprendizagem e à participação, o que requer estratégias que respondam às necessidades específicas de comunidades indígenas e assegurem o seu direito a aprender em ambientes culturalmente sensíveis.

## **Dimensão Religiosa**

A inclusão religiosa envolve não apenas o direito à liberdade de crença, mas também o reconhecimento das expressões espirituais tradicionais dos povos indígenas como legítimas. Como destaca Mbiti (1991), nas sociedades africanas, a religião é um elemento inseparável da vida cotidiana e da identidade cultural. Assim, o encontro entre as religiões tradicionais San e as religiões predominantes no contexto nacional exige um processo de diálogo inter-religioso e respeito mútuo, evitando o apagamento ou a assimilação forçada das práticas espirituais autóctones.

Segundo Smith (2012), reconhecer a espiritualidade indígena é parte do processo de descolonização do conhecimento e da promoção de relações mais equitativas entre os diversos sistemas de crença. Existe alguma suspeição da comunidade San de desvendar os deuses de que eles supostamente acreditavam como seres sobrenaturais, na resolução daqueles problemas que extravasam as suas capacidades, face a crença ao Cristianismo. Pelas constatações realizadas nas comunidades da Derruba e da Húpa, as duas comunidades remeteram-se ao silêncio de não abordar as anteriores crenças, patenteando que já estão submetidos aos Cristianismo.

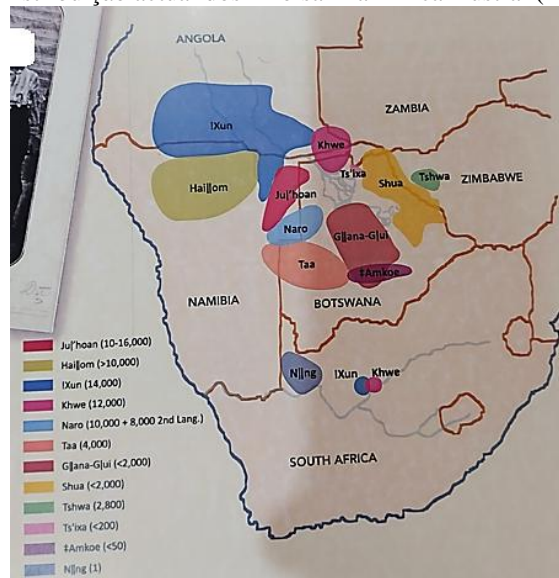
Quanto aos San da Derruba e da Húpa, é evidente que as suas vivências apontam para uma inclinação à religião Cristã. No entanto, deve haver um esforço conjunto para que as comunidades San se sintam bem recebidas e enquadradas na nova religião que dizem acreditar. Assim sendo, as comunidades das Derruba e da Húpa, professam a religião Cristã pelas denominações da Igreja Católica e da Igreja Evangélica Sinodal de Angola (IESA).

## **Situação Geográfica das Comunidades San em África**

A comunidade San, também conhecida como bosquímanos, está geograficamente localizada na região sul do continente africano, ocupando principalmente áreas dos atuais países Botswana, Namíbia, Angola, Zâmbia, Zimbábue e África do Sul. Historicamente, os San são considerados um dos povos mais antigos do mundo, tendo habitado vastas extensões do Deserto do Kalahari e outras zonas semiáridas e em savanas. Essa distribuição geográfica, marcada por ambientes áridos e de difícil acesso, contribuiu tanto para a preservação de aspectos culturais tradicionais quanto para o isolamento social e a marginalização económica dessa comunidade ao longo do tempo (Suzman, 2001; Palms, 2025).

Assim sendo, apresenta-se a distribuição geográfica do povo San na África Austral, em diferentes países.

Figura 1. Distribuição actual dos Khoisan na África Austral (Palms, 2025)



Fonte: Os autores

### Comunidade da Derruba/Chicungo e da Húpa/Cacula

Em Angola, a comunidade San está localizada nas províncias da Huíla, Cuando, Cubango, e Cunene, zonas caracterizadas por extensas áreas de savana, florestas abertas e matas secas. Estes territórios são geralmente remotos e de difícil acesso, o que contribui para o isolamento geográfico dos San e limita a sua integração com os centros urbanos e os serviços básicos do Estado. A dispersão da população San por pequenos agrupamentos e o domínio tradicional de técnicas de sobrevivência como a caça, a recolha de frutos silvestres e a pesca reflectem uma relação profunda e ancestral com o ambiente natural destas regiões (MINARS & UNICEF, 2008).

Dois municípios; Chicungo e Cacula da província da Huíla, constituíram o foco da pesquisa nas regiões da Derruba e da Húpa, respectivamente. Nestes locais, os San vivem em condições de vulnerabilidade social, com acesso limitado à educação formal, saúde e infraestrutura básica no exercício de actividades económico-social. Estas limitações, muitas delas devem-se a discriminação feita por alguns membros bantu, o que leva os San a se auto-excluírem de políticas públicas para a sua inserção social. Apesar disso, mantêm traços culturais distintos e formas próprias de organização comunitária, preservando os traços característicos da sua ancestralidade. A sua presença em Húpa e Derruba tem despertado a atenção de projectos de

intervenção social e académica que visam promover a inclusão desta comunidade na vida nacional, respeitando as suas especificidades culturais e assegurando os seus direitos fundamentais.

Desta feita, apresenta-se as duas comunidades da Derruba e da Húpa dos municípios de Chicungo e da Cacula, respectivamente, na província da Huíla.

Figura 2. Local de concentração da comunidade San na Huíla (assinalado a vermelho)



Fonte: Os autores

Quanto a inserção no ambiente religioso, as comunidades San da Derruba e da Húpa são assistidas predominantemente e religiosamente pela Igreja Católica do Sendi e pela Igreja Evangélica Sinodal de Angola (IESA), o que manifesta um certo esforço de acompanhamento e orientação espiritual e social. No concernente a vida académica, as administrações do Chicungo e da Cacula, envidam esforços de garantir escolas para a formação das crianças San, de formas que tenham as mesmas oportunidades de emprego e competição com as crianças da comunidade bantu. Informações foram ventiladas por membros da comunidade bantu de que a aceitação da escolarização pelos San é um processo de difícil aceitação e que requer muitas paciência para a sua realização. Assim, quanto a inserção social, a comunidade San já se dedica a prática de agricultura e criação de animais/galinhas, gado caprino e suíno. A criação de gado bovino, segundo informações, é tarefa de difícil realização pelos San. A agricultura, configura-se uma actividade precária de alguma subsistência de famílias, fazendo o uso de meios rudimentar para realizá-la.

Nota-se uma diferença na prática agro-pecuária, entre os grupos San e bantu, uma vez que este último tem o domínio da técnica na prática da agricultura, cria gado bovino para ajudá-lo no desenvolvimento de lavouras, na ordenha do leite, e algumas vezes no aproveitamento da carne para o consumo. O grupo San não tem o domínio agro-pecuário tal como o grupo bantu, daí, a justificação pela vida nómada em busca de novas oportunidades de caça e recollecção de frutos silvestres.

Impõem-se que, na convivência entre os dois grupos, o povo bantu deve manifestar interesse em instruir as técnicas da prática agro-pecuária, juntamente com o apoio das administrações para o devido enquadramento económico-social do povo San.

## **METODOLOGIA DE ESTUDO**

O presente estudo enquadra-se no paradigma qualitativo, de carácter interpretativo, tendo como metodologia o estudo de caso. Na pesquisa qualitativa recorre-se fundamentalmente à recolha e análise de dados não-numéricos, isto é, à linguagem oral ou escrita, imagens ou observações comportamentais (Creswell & Poth, 2017). Portanto, o que se pretende na presente pesquisa vai ao encontro da abordagem qualitativa, uma vez que se pretende obter dados de natureza qualitativa através do acesso directo aos participantes do estudo, no seu próprio contexto para compreender o nível de inclusão da comunidade San nos diferentes aspectos da vida académica, religiosa e social.

Para Erickson (1986), “a investigação interpretativa coloca o interesse central no significado humano da vida social e na sua elucidação e exposição por parte do investigador” (p.119) e a sua essência está nas noções de compreensão de significados, cabendo aos investigadores descrever compreensivamente as características de cada objecto, tendo como critério de objectividade, os significados intersubjectivos e que desenvolvem um conhecimento ideográfico (Creswell, 2014; Erickson, 1986; Martín, 2012). Compreender o nível de inclusão da comunidade San nos diferentes aspectos da vida académica, religiosa e social, revela ser uma perspectiva interpretativa, isto é, ter um panorama geral que explique a vida da comunidade San, uma vez que se afigura diferente da vida da comunidade bantu, em vários aspectos de âmbito social. A comunidade San, face ao desenvolvimento alcançado pela comunidade bantu, muitas vezes manifesta-se auto-excluída por não ter tais capacidades de inclusão e de correspondência às exigências do referido desenvolvimento. Desta feita, parafraseando Erickson (1986), a

pesquisa debate-se com a preocupação de atribuir significado a condição humana do homem San, de formas que tenha uma vida digna que se respalde nos ditames da civilização. É o mesmo dizer que a vida da comunidade San tenha uma certa qualidade e que os homens almejem as mesmas oportunidades de realização de vida social. Esta situação pode provar que o homem San esteja em igualdades de circunstâncias, em competir com outros homens de diferentes comunidades, etnias, nações, e continentes, na busca de formação, emprego, realização social e outros aspectos que se julguem aceitáveis em matérias de civilização.

O estudo de caso é uma modalidade de investigação utilizada para erigir um saber em torno das particularidades individuais de um fenómeno sem perder a riqueza da sua complexidade e contextualização (Stake, 2009). Através dele, procura-se compreender, explorar, descrever os acontecimentos envolvendo diversos factores. Um estudo de caso foca-se num sistema limitado e investigado como um objecto (Stake, 2009) que tem interesse em si mesmo, uma particularidade, para compreender sua actividade em circunstâncias importantes (Stake, 2009; Ponte, 2006; Yin, 2010).

Para Ponte (2006) e Simons (2010), o estudo de caso visa conhecer ou explorar, profundamente, uma perspectiva complexa, singular ou particularística (única e especial) uma entidade bem definida que pode ser uma pessoa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma política ou qualquer outra unidade social no contexto da vida real. Ainda Ponte (2006) e Yin (2010), afirmam que o objectivo do estudo de caso é descobrir o que há de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global e profunda do fenómeno de interesse ao pesquisador. O processo de gerar conhecimento e/ou informar a política de desenvolvimento da prática profissional e civil ou acção de comunidade (Simons, 2010).

No contexto de Stake (2009) e Ponte (2006), estudou-se o caso da comunidade San nas regiões da Derruba e da Húpa, onde se verificou que os homens San têm particularidades próprias, preservam traços característicos de sua ancestralidade sem grandes variações. O tempo para estes homens não terá exercido grandes mudanças de vida social, uma vez que estão presentes os aspectos da Antropologia Cultural e Física, o que em parte se reveste de vantagens e desvantagens.

Trata-se de vantagens, quando manifestam traços característicos dos seus antepassados, isto é, a cor da pele (amarelada), forma de cabelo encaracolado, estatura média (não muito baixo nem muito alto), nomadismo (mobilidade ocasionada pelas oportunidades de caças e recollecção

de frutos silvestres), linguagem própria (cujo exercício exige uma grande habilidade da língua com o céu da boca), crença em entidades próprias sobrenaturais. Isto constitui um acervo para a identificação dos San como um povo que existe no planeta Terra. Ainda assim, nota-se uma grande vantagem o facto dos membros San manifestarem domínio plurilinguístico, isto é, a língua própria dos San, o domínio da língua bantu circundante e o domínio da língua portuguesa. Estes instrumentos permitiram a rápida comunicação entre os interlocutores nas diferentes línguas, o que facilitou imenso a obtenção de informações que se traduziram em dados.

Trata-se de desvantagens, quando a comunidade San não manifesta sinais de mudança para dar uma certa qualidade de vida, o que poem os homens aquém da civilização aceitável. O processo de auto-exclusão, é um dos males que persiste fazendo com que o homem San pare no tempo, o que impede a realização de programas sociais por parte de autoridades competentes. Este pressuposto demanda um desafio de todas as forças vivas da nação, administrações afins, sistemas educativos, organizações não-governamentais, associações filantrópicas para um engajamento assertivo, de formas que o homem San tenha iguais oportunidades na sua realização social, comparando-o com o homem bantu e não só.

O caso desta investigação é a comunidade San nos dois municípios de: Chicungo e da Cacula, especificamente nas Aldeias da Derruba e da Hupa. Os municípios referenciados são da província da Huíla/Angola. A comunidade San destas Aldeias possui uma identidade social, limitada e apresentando-se como uma situação particularística, com características próprias pelo seu estilo de vida e ritual. Procurou-se a sua compreensão em profundidade e em extensão (Ponte, 2006; Yazan, 2015; Yin, 2010) relativamente a sua inclusão nos diferentes aspectos da vida académica, religiosa e social. Em termos de extensão, trata-se de um povo que pratica o nomadismo, não muito numeroso, dedicado a caça e a recolção de frutos silvestres. Esta comunidade, não tem o domínio da actividade agro-pecuária, o que faz com que pratique o nomadismo que se estenda em diferentes regiões e países (Angola, Namíbia, Zimbabwe e Africa do Sul).

O que se procurou estudar, são as opiniões de alguns anciãos da comunidade San, agentes sociais, tais como: padres, seculos/responsáveis de alguma aldeia e outros, quanto à percepção que têm sobre a comunidade San nas localidades da Derruba e Húpa. Como afirma Ponte (2006, p.5) “o objectivo principal para a realização de um estudo de caso é explorar a particularidade e a singularidade do caso”.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, com base em estudo de caso, as comunidades

foram escolhidas por sua relevância e diversidade de experiências. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com líderes comunitários (soba dos Sans da Derruba e alguns membros San da Húpa) e religiosos (um sacerdote e um catequista), além de observações e análise documentais. A análise dos dados seguiu a abordagem temática, buscando identificar padrões de exclusão e práticas de inclusão.

## **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS**

No decorrer da pesquisa, entrevistou-se:

- Duas entidades influentes mas não membros da comunidade San (um Sacerdote e um Catequista);
- Uma soba San da aldeia da Derruba;
- Um grupo de cinco membros San da comunidade da Húpa.

### **Entrevista a um Sacerdote da Igreja Católica**

Um padre actualmente em missão nas regiões próximas ao local de estudo, relata a convivência e o desenvolvimento da comunidade San nas zonas da Húpa e Derruba, situadas nos arredores da Missão do Sendi. Ele observa uma significativa mudança na vida social, cultural, religiosa e educacional dessa comunidade tradicionalmente marginalizada e auto-excluída.

#### **a) Integração social e cultural**

- Os San, tradicionalmente nómadas, passaram a viver de forma mais estável e integrada com a população Bantu local.
- Hoje há casamentos mistos entre San e Bantu, sendo aceites socialmente.
- A convivência é harmoniosa e muitos jovens San são bem acolhidos e até admirados pelos outros jovens locais.

#### **b) Educação e vida académica**

- Muitos jovens San estão a frequentar a escola, inclusive o ensino secundário (11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes).
- Existem escolas nas comunidades da Húpa e Derruba, algumas com boa infra-estrutura.
- Há jovens San que estudaram fora da comunidade e retornaram mais preparados, alguns com cargos relevantes.

**c) Religião**

- A comunidade San tem demonstrado crescente interesse pela vida religiosa cristã.
- Há pedidos frequentes pelos sacramentos como o batismo, e alguns demonstram vocação para o sacerdócio ou vida consagrada.
- A Igreja Católica tem promovido a inclusão religiosa dos San, com batismos e outras catequeses.

**d) Desenvolvimento económico**

- Os San têm se envolvido em actividades económicas como lavoura e pequenos negócios.
- Algumas famílias possuem lavras próprias e estão a produzir para consumo e venda de produtos.
- Apesar disso, o consumo de álcool ainda é apontado como um desafio persistente nesta comunidade.

**e) Desafios e oportunidades**

- Há abertura das novas gerações San para a educação e integração, mas alguns mais velhos ainda resistem ao desenvolvimento.
- O padre sugere que o governo e outras entidades deveriam implementar mecanismos de apoio ao desenvolvimento integral da comunidade San nestas localidades.
- A missão tem interesse em documentar e apoiar a história e o progresso dessa comunidade, inclusive com propostas de projectos educativos e pastorais.

## **Entrevista a Soba da Comunidade San na Derruba**

A entrevista foi realizada numa tarde tranquila, à sombra de uma árvore próxima à aldeia da Derruba, onde a comunidade San vive em pequenos agrupamentos familiares. A soba, uma mulher de porte respeitável e expressão serena, sentou-se num banco, cercada por alguns homens e mulheres. Com voz pausada, mas firme, ela começou por agradecer a presença dos visitantes e manifestou a sua disponibilidade para partilhar as experiências do seu povo.

Ao ser questionada sobre a convivência da comunidade San com os povos Bantu, especialmente os grupos vizinhos, a soba não hesitou em expressar um sentimento de descontentamento. Explicou que, apesar de viverem há muito tempo na mesma região, os San continuam a ser vistos com inferioridade por parte de muitos bantu, o que se manifesta em atitudes de desprezo, exclusão e falta de reconhecimento das suas tradições. "Muitas vezes somos

chamados de atrasados ou povo do mato, como se não fôssemos também filhos desta terra", lamentou.

Em relação às relações interpessoais, especialmente os casamentos, a soba destacou um padrão que considera injusto: "Os homens bantu, sobretudo os mais jovens, às vezes vêm buscar as nossas mulheres para casar, mas nunca aceitam que os nossos homens casem com as mulheres deles. É como se os nossos homens não fossem dignos", disse com um olhar de tristeza e resignação. Ela acrescentou que, "nestes casamentos, muitas mulheres San acabam por se afastar da sua cultura de origem", o que contribui para a diluição das tradições da comunidade.

A soba também mencionou diferenças no relacionamento com os grupos bantu da região. Segundo ela, "com os Umbundu, há um pouco mais de respeito, talvez porque já convivemos há mais tempo e aprendemos a lidar uns com os outros". No entanto, ela apontou maiores dificuldades no relacionamento com os Nyaneka, descrevendo situações em que houve discriminação em mercados locais, disputas por acesso à terra e desvalorização do conhecimento tradicional San.

Além desses aspectos, a soba partilhou preocupações com a exclusão da comunidade San da vida académica e religiosa. "As nossas crianças vão à escola, mas muitas vezes não são compreendidas. Os professores não falam a nossa língua e não entendem como ensinamos as coisas. Na igreja, às vezes sentimos que temos de deixar de ser quem somos para sermos aceites." Apesar disso, ela manifestou esperança de que a visibilidade crescente da comunidade e o interesse de investigadores e organizações sociais possam ajudar a construir um futuro de maior respeito e inclusão.

Quanto a actividade económica, a Soba garantiu que; dedicam-se a actividade agropecuária de subsistência, fazendo a criação de animais: galinhas, cabritos e porcos, mas não garantem a criação do gado bovino por falta deste tipo de animal. Quanto a agricultura, lamentou que o processo é de subsistência e levado a cabo por meios muito rudimentares, ao passo que os homens Bantu desenvolvem a agricultura fazendo o uso de maços de tracção animal. Os pesquisadores perguntaram se alguma vez beneficiaram-se da solidariedade da comunidade Bantu no cuidar das lavouras; mas a Soba garantiu que não tem recebido este tipo de apoio solidário para cuidar das suas lavouras, daí a produção baixa da actividade agrícola. Esta dificuldade tem ocasionado falta de recursos básicos para o sustento da vida em todo o tempo.

## **Entrevista ao Catequista não San**

O catequista relata aspectos do quotidiano, das relações sociais, culturais e religiosas da comunidade San que vive próxima à sua localidade. O catequista relata que a presença da comunidade San na Húpa data deste 1943, no entanto, entraram um ano antes, isto é, 1942, instalando-se como comunidade em 1943, proveniente do município dos Gambos, a procura de melhores condições de caças e recollecção de frutos silvestres. A comunidade San foi recebida pelo então soba Filipe Mukwata, incentivando-os a ter uma vida sedentária, contrariamente a vida nómada dos San. Foi a partir desta data que começaram a praticar alguma agricultura, trabalhando nos campos dos homens Bantu, para a obtenção de algum sustento de vida. Posteriormente, passaram a ter lavras próprias, embora com uma prática tímida de agricultura sem grandes experiências.

### **a) Relações familiares e casamento**

- Os casamentos entre os San não seguem formalidades rígidas. Há casos de poligamia, em que um homem vive com várias mulheres, embora apenas uma seja considerada a "esposa principal".
- A convivência pode envolver ciúmes e até conflitos físicos entre mulheres do mesmo parceiro.
- Em caso de traição (de homens ou mulheres), surgem conflitos e discussões dentro da comunidade.

### **b) Estrutura habitacional e estilo de vida**

- As casas são construídas pelas próprias mulheres, de forma simples.
- A comunidade vive de forma muito humilde, com carências nas condições de habitabilidade e saúde.
- Há dificuldades em garantir o sustento, e a comunidade enfrenta limitações no acesso aos bens de primeira necessidade.

### **c) Situação social e desafios**

- Existe uma preocupação com problemas de saúde, incluindo distúrbios mentais desde a infância.
- Presume-se que, algumas doenças como distúrbios mentais tenham sido ocasionadas por relacionamentos conjugais de parentes muito próximos.

- Jovens e crianças enfrentam dificuldades devido à ausência de apoio institucional, como escolas e hospitais, porque as que existem estão muito distantes de suas casas.
- A promessa de construção de uma escola próxima a comunidade San (há quase 10 anos) ainda não foi concretizada, apesar de iniciativas da UNICEF.

**d) Práticas religiosas**

- A comunidade San participa com mais frequência nas igrejas evangélicas, especialmente onde há algum tipo de apoio material (como alimentos após os cultos).
- A Igreja Católica é frequentada com menos intensidade, pois, segundo o catequista, por falta apoio material.
- As mulheres mais velhas têm maior presença nas igrejas.

**e) Problemas sociais**

- O catequista menciona situações de abuso, gravidez não assumida por parte de homens Bantu, e abandono das mulheres e filhos.
- Há relatos de discriminação e desprezo em relação às mulheres San, especialmente quando engravidam de homens Bantu dos arredores.

Estas palavras do catequista reflectem uma realidade de vulnerabilidade, onde a comunidade San na localidade da Húpa no Município da Cacula/ Huíla – Angola, luta por inclusão, dignidade e melhores condições de vida, enfrentando limitações sociais, educacionais, religiosas e de saúde.

### **Obtenção de Informações de Alguns Membros da Comunidade San da Húpa**

A entrevista com o grupo de cinco membros da comunidade San da Hupa realizou-se numa tarde de céu limpo, num pátio espaçoso de uma casa. Os participantes – dois homens e três mulheres, todos adultos – demonstraram interesse em partilhar as suas vivências, ainda que com alguma reserva inicial, superada à medida que a conversa avançava num clima de respeito mútuo e escuta atenta.

Questionados sobre o seu estilo de vida, os membros do grupo descreveram uma rotina marcada por dificuldades, especialmente no que toca à alimentação. Relataram que, ao longo dos anos, a caça e a recolha de frutos – práticas tradicionais da comunidade – tornaram-se cada vez menos viáveis devido à escassez de recursos naturais e à limitação de acesso ao território. “Hoje em dia, não é como antes. Já não podemos andar à vontade para caçar, e as frutas também

escasseiam”, explicou um dos homens. Como resultado, a insegurança alimentar tornou-se uma preocupação constante, agravada pela ausência de terras cultiváveis próprias. “Nós não temos lavras. Para conseguirmos alguma coisa, os nossos homens trabalham nas lavras dos Bantu em troca de um pouco de milho ou mandioca”, completou a outra.

No tocante ao relacionamento com os povos vizinhos, o grupo revelou sentimentos mistos. Embora exista alguma convivência, foram unânimes em expressar que continuam a ser tratados com desconfiança e desvalorização. “Os bantu acham que nós não sabemos nada, que somos ignorantes. Alguns até têm medo de sentar connosco”, disse uma das mulheres, com um olhar de frustração. Além disso, relataram situações de desigualdade nas relações interpessoais. “Os homens bantu vêm atrás das nossas mulheres, mas se um dos nossos quiser casar com uma mulher bantu, é motivo de escândalo”, afirmou uma das entrevistadas, sublinhando a assimetria nas relações interétnicas.

A conversa também abordou a participação da comunidade San na vida religiosa local. Todos os entrevistados afirmaram frequentar igrejas, mas revelaram diferenças significativas na forma como são acolhidos. “Na igreja católica, alguns Bantus têm sentimento de desdém, enquanto o outro membro San da Igreja Evangélica, sente-se bem acolhido e recebe algum apoio logístico após o culto. O grupo San revelou ter boas relações com as etnias Umbundu e Nyaneka, só com alguma diferença de ter melhores relações com os Umbundu em detrimento da discriminação sofrida por parte de alguns membros Nyaneka. Ainda sobre a questão religiosa, os pesquisadores perguntaram se a comunidade antes do Cristianismo que lhes foi dado a conhecer pelos Católicos e pelos Evangélicos (IESA), professavam outros seres sobrenaturais (divindades ou deuses). Face a questão, o grupo remeteu-se ao silêncio com receio de desvendar dados a respeito, manifestando que só adoram mesmo aos Deus do Cristianismo.

Além desses temas, surgiram espontaneamente reflexões sobre a educação e a saúde. Os entrevistados destacaram a dificuldade que as crianças enfrentam na escola, devido à barreira linguística e à falta de compreensão por parte dos professores sobre a cultura San, a falta de material escolar decorrente de alguma carência familiar dos alunos San. Ainda lamentam a falta de vestuário próprio e calçado para os alunos San frequentarem a Escola. Também foi mencionada a distância dos postos de saúde na Hupa e o sentimento de desatenção por parte dos serviços públicos. Apesar das adversidades, o grupo manifestou o desejo de maior inclusão e oportunidades. “Nós queremos aprender, queremos viver bem com todos, mas precisamos que nos vejam como pessoas iguais”, disse um dos membros ao final da entrevista, resumindo o anseio

colectivo por dignidade e respeito. Ainda na vida académica, uma das senhoras San garantiu que os seus filhos (San), enfrentam uma discriminação muita das vezes protagonizada por professores de origem Bantu “chamando os seus filhos de bichos diante de colegas Bantu, desencorajando estes de se relacionar com os San”. Este comportamento de docentes sem escrúpulos, ocasiona desistências dos alunos San nas seguintes vertentes:

Desistência por discriminação protagonizada pelo docente;

Desistência por absentismo reiterado do docente a unidade escolar, mesmo em fase de avaliações.

Neste âmbito, o aluno que San que esteve a fazer um processo de adaptação e enquadramento social, acaba por abandonar escola, voltando para o seu “modus operandi” de seus pais, por julgar que o ambiente que devia acolhê-lo é hostil.

Desta feita, tem-se as imagens de alguns membros San.

Figura 3. Alguns membros da comunidade San da localidade da Hupa/Cacula – Angola.



Fonte: Os autores

Quanto ao relacionamento da comunidade San da Húpa em relação as Autoridades Municipais da Cacula, os membros disseram que são aceitáveis, e têm tido apoios das referidas autoridades no Âmbito das Políticas de Combate a Pobreza, para incentivar a prática de agricultura e criação de animais. No entanto, o grupo San lamentou o facto de que nem sempre as suas preocupações têm sido devidamente atendidas, principalmente, quando o homem Bantu engravida uma mulher San sem assumir as suas responsabilidades, nem do filho nem da mulher, o que causa algum desapontamento por parte da comunidade.

## **DISCUSSÃO E ESTRATÉGIA DE MELHORIA DA COMUNIDADE SAN**

Os dados recolhidos revelam que a inclusão da comunidade San enfrenta múltiplos desafios, para tal, urge a necessidade de architectar a estratégia de actuação que vise melhorar a

qualidade de vida dos San.

### **Exclusão e Auto-Exclusão**

Apesar de algumas iniciativas estatais e não-governamentais, muitos San ainda vivem em condições precárias, com acesso limitado a serviços básicos como saúde, habitação e emprego. O preconceito cultural e linguístico agrava essa exclusão, criando barreiras invisíveis à sua participação social. Assim, vem:

Exclusão Social, entendeu-se como aquela que não reconhece o património cultural e material dos San para a sua inserção social. Os San, sentem-se excluídos quando os seus valores culturais, os costumes, as tradições não são valorizados na convivência com outros povos no sentido de que garantissem convívio interétnico, levando a comunidade San a uma posição de inferioridade e subjugação a todos os níveis. É necessário compreendê-los na sua forma de ser e de estar e enquadrar os seus valores em programas de desenvolvimento comunitário. Quando não se faz, os San sentem-se excluídos buscando oportunidades em que livremente se sintam realizados sem o mínimo gesto de coacção.

Auto-exclusão; se por um lado o ambiente é de exclusão porque ostraciza a participação do homem San as políticas sociais, por outro lado, pode-se registar a falta de interesse do homem San em participar em programas sociais que visem o seu próprio desenvolvimento, por falta de esclarecimento naquilo que se pretende para a sua comunidade, de formas a ombrear com os demais homens. Para isso, é necessário que o San seja preparado conscientemente e participe activamente nos programas gizados pelas autoridades e outras organizações afins, no intuito de se almejar a qualidade de vida para ele.

### **Barreiras na Educação Formal**

A escola quando não é percebida, na sua vocação de tornar a vida dos homens melhor, garantindo uma certa qualidade de vida, tornando-o um agente pensador e reflexivo, pode ser entendida como um estorvo a valorização da cultura, da língua, dos costumes e tradições de grupos étnicos. Assim, a comunidade San não fica de parte quanto a esta forma de pensar sobre a escola na sua vertente de educação formal, o que muitas das vezes é entendida como uma instituição que visa denegrir os seus valores e levar a perda da identidade dos indivíduos afectos

a comunidade San. Segundo informações obtidas, os professores relatam dificuldades em adaptar o currículo às especificidades culturais dos alunos San, enquanto famílias expressam receio de perda da identidade cultural.

No entanto, surgem também boas práticas: em algumas escolas, professores e gestores têm buscado integrar saberes tradicionais nas actividades escolares, promovendo uma educação mais dialógica, inclusiva e contextualizada. Neste sentido, a educação formal se não for bem gerida, diante da comunidade San, pode ser considerada de uma barreira que nada ajuda para atrair as famílias na afluência dos seus filhos à escola.

Também, observou-se um caso de desistência escolar no convento de alguma menina, que depois de ter ido em gozo de férias, não propriamente dito, em casa dos familiares mas sim de algum tutor que servia de figura intermédia entre a família biológica e a instituição escolar, achou-se concebida pelo trajecto que fazia da casa do tutor à instituição escolar ou da casa do tutor à casa dos familiares, onde o inédito terá acontecido. A referida jovem era uma grande esperança que orgulhava, não só o convento, como também as pessoas de origem não San, pelo facto de se revelar promissora na sua carreira académica. Face ao ocorrido, a instituição declinou a responsabilidade de não continuar a viver no convento, mas podia continuar a estudar, desde que tivesse vontade própria. O ciclo familiar biológico não ajudou tanto para que prosseguisse com os seus estudos, terminando de uma vez por todas por desistir e ficando apenas a tomar conta do filho que terá nascido a posterior. O outro constrangimento prendeu-se com a falta de assistência do progenitor, manifestando indícios de discriminação étnica, pelo facto do pai do filho não ser San.

## **Estratégias de melhoria da vida da comunidade San**

### **a) Acesso à terra e segurança alimentar**

- **Atribuição de parcelas de terra próprias** para cultivo comunitário, com respeito pelos modos de vida tradicionais e apoio técnico para agricultura de subsistência adaptada ao meio. O povo San não tem a cultura da prática da agricultura, por isso é que se justifica a vida nómada que o mesmo leva em busca de melhores oportunidades de caça e recollecção de frutos silvestres. O facto de se atribuir alguma parcela de terra, implica o povo San ser acompanhado na gestão destas parcelas, sentir-se acarinhado e com a devida solidariedade

da comunidade envolvente não San, para ajudá-lo no domínio da técnica da agricultura, e posteriormente o resultado se reverte em favor da segurança alimentar.

- **Incentivo de criação de hortas e animais;** este desiderato pode se obter com apoio de ONGs, de igrejas, das autoridades locais e da comunidade Bantu envolvente, promovendo o cultivo de hortaliças e a criação de animais para potenciar a autonomia alimentar e o fortalecimento da economia familiar. Tenciona-se que as famílias San tenham o domínio supervisionado da criação de hortas e de animais na garantia da auto-sustentabilidade, o que pode lhe levar a uma vida não nómada.
- **Formação em técnicas agrícolas sustentáveis;** o povo San tem o domínio dos bosques, e se lhe for dado a oportunidade de gerir a vida do campesinato, pode se adaptar com facilidade, desde que se respeite os instrumentos que use utilizam na caça de animais selvagens, revertendo alguns deles em instrumento de prática agrícola. O processo de inclusão dos seus instrumentos na prática de agricultura, pode elevar o sentimento de pertença e de participação no novo processo de produção alimentar, diferente do habitual. Assim, a inclusão torna-se facilitada pelo facto de envolver instrumentos de seu domínio. Já é um dado de que as administrações locais têm apoiado as comunidades da Derruba e Húpa com charruas e bois para que as comunidades San desenvolvam a agricultura com as técnicas de tração animal, mais não basta este esforço, visto que não se trata de prática habitual, aconselha-se o acompanhamento persistente e paciente para a consciencialização dos indivíduos San.

#### **b) Educação intercultural**

- **Capacitação de professores;** para trabalhar com alunos San, com sensibilidade cultural e domínio (ou aprendizagem) de línguas locais, é importante que o professor tenha o domínio da cultura da comunidade San, procure interagir com ela, na gestão do processo de ensino e aprendizagem. O professor deve ser movido pelo espírito solidário e humano no tratamento do San como seu par em termos humanos, daí o esforço para que os alunos San estejam formados e participem em programas de desenvolvimento. Uma atitude reprovável é quando aparecem professores que agem inescrupulosamente manifestando ares de insensibilidade humana e tribalismo face aos alunos San, uma vez que tal professor é da comunidade Bantu, depreciando os alunos diante de outros alunos Bantu. Esta situação foi revelada pela comunidade San da Húpa.

- **Criação de materiais pedagógicos adaptados**, que integrem a cultura, história e cosmovisão dos San, promovendo o reconhecimento da sua identidade nas escolas. As escolas devem utilizar os meios lúdicos dos meninos San, fazer recurso as suas canções de formas que se sintam integrados pela instituição escolar, desmantelando assim o sentimento de estranheza. Também, deve fazer o uso de meios de ensino da comunidade San, com a vantagem de que sejam de baixo custo com grande capacidade integradora e reconhecimento da vida dos San.
- **Campanhas de sensibilização nas escolas**, para combater o preconceito e promover o respeito pela diversidade étnica. É necessário que se leve esta tarefa a sério. Os agentes escolares indicados para lidar com os alunos San, devem imbuir-se de espírito de humanismo, imbuir-se da missão de garantia de qualidade de vida dos San, e consequentemente visionar o desenvolvimento sustentável dos homens San. O desenvolvimento sustentável é aquele em que, os homens San depois de realizados socialmente, consigam levar programas de desenvolvimento aos seus pares San para ombrear com todos os homens do planeta Terra.

#### c) Saúde comunitária inclusiva

- **Instalação de postos de saúde próximos** às aldeias, com profissionais preparados para lidar com as particularidades culturais da comunidade San.
- **Programas de saúde móvel**, com visitas regulares às localidades mais remotas, focando-se na vacinação, saúde materno-infantil e prevenção de doenças comuns.
- **Educação em saúde** com materiais em línguas locais, reforçando hábitos de higiene, alimentação saudável e acesso aos cuidados médicos. É praticamente um processo de saúde preventiva que requer acções de formação e assimilação consciente dos actos destas formações.

#### d) Valorização cultural e identidade

- **Promoção de eventos culturais San**, com apoio institucional, que celebrem a música, dança, artesanato e saberes tradicionais. A proposta de retirada de um determinado valor cultural nocivo ao desenvolvimento do próprio San, deve fazer-se primeiramente pelo reconhecimento de valores positivos, e só a posterior é que se propõe a retirada de algo que prejudique o enquadramento social positivo do próprio San.

- **Incentivo à produção artesanal** como forma de gerar renda e valorizar a herança cultural da comunidade. A produção artesanal tem a vantagem de que a comunidade San produza utensílios de uso doméstico e outros de valor comercial.
- **Registo e preservação da língua San**, por meio de projectos linguísticos, dicionários e gravações orais, com envolvimento de anciãos da comunidade.

**e) Inclusão religiosa consciente**

- **Formação de líderes religiosos (católicos e evangélicos)** para o acolhimento intercultural, superando barreiras de discriminação. Afigura-se importante que alguns líderes sejam da comunidade San para incentivar os demais na prática do Cristianismo, como meio de socialização.
- **Parcerias com igrejas evangélicas e católicas**, para projectos sociais comuns, aproveitando as experiências positivas de cada denominação de formas que o homem San sinta que o Cristianismo é uma profissão de fé que contribui para o seu desenvolvimento, sua sociabilidade e programas de sua civilização. Neste item, aconselha-se o diálogo inter-religioso para um objectivo comum.

**f) Fortalecimento das lideranças locais**

- **Reconhecimento formal dos sobas San**, com participação nos conselhos locais e em decisões administrativas que envolvam suas comunidades. Os San reconhecem a sua autoridade, caso concreto da soba da Derruba. O estreitamento de relações entre as autoridades civis e religiosas com o soba, leva que a comunidade San reconheça as outras entidades como parte de suas vidas. Este reconhecimento importa que seja em sentido mútuo.
- **Formação em cidadania e direitos humanos**, capacitando os líderes San para defender os interesses da comunidade junto às autoridades.
- **Criação de comités comunitários mistos (San e bantu)** para promover o diálogo, prevenir conflitos e construir convivência pacífica.

**g) Sensibilização social e combate à discriminação**

- **Campanhas públicas de sensibilização** nas comunidades vizinhas (bantu), nas escolas, nas igrejas e nos meios de comunicação sociais.
- **Oficinas de convivência e educação intercultural**, para reduzir preconceitos e fomentar o respeito mútuo. Também para mostrar as vantagens ou desvantagens de um determinado ente cultural.

- **Inclusão da história e cultura dos San** nos currículos escolares locais, reforçando o seu valor como parte da identidade nacional angolana.

Essas estratégias devem ser implementadas de forma participativa, ouvindo activamente os próprios San, respeitando suas decisões comunitárias e assegurando que as acções não reproduzam lógicas de tutela ou imposição externa. A colaboração entre o Estado, igrejas, ONGs, universidades e a comunidade é essencial para garantir resultados sustentáveis e transformadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

1- A inclusão da comunidade San requer mais do que políticas públicas generalistas

2- Os direitos da comunidade San sejam reconhecidos nos aspectos: saberes ancestrais, costumes, valores e tradições e modos de viver e crer.

3- A abordagem intercultural e inter-religiosa deve promover convivência pacífica e respeitosa, na valorização mútua entre diferentes culturas.

4- A construção de uma sociedade inclusiva passa pelo combate à exclusão e pela escuta activa dos povos San como sujeitos de saber e direito. Isso demanda não apenas reformas institucionais, mas também mudanças de mentalidade nos campos educativo, social e religioso.

5- A inclusão da comunidade San nos ambientes; académico, religioso e social requer uma abordagem que combine reconhecimento cultural, diálogo inter-religioso e participação à cidadania.

6- As experiências das comunidades da Derruba e Húpa mostram que é possível promover práticas inclusivas que respeitem e integrem as suas culturas.

7- A vontade política, a sensibilização institucional e o protagonismo comunitário devem assentar-se na promoção de vida do homem San como nosso irmão e nosso patriota, com os mesmos deveres e direitos.

## REFERÊNCIAS

AINSCOW, M., & Booth, T. (2002). *Índice de Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas*. Porto: Porto Editora.

CANDAU, V. M. F. (2012). *Educação intercultural: mediações e perspectivas*. Petrópolis: Vozes.

CRESWELL, J. W., & Poth, C. N. (2017). *Qualitative inquiry and research design: Choosing*

among five approaches. 4.<sup>a</sup> ed. SAGE Publication.

ERICKSON, F. (1986). *Teacher thinking: A study of practical knowledge*. London: Croom Helm.

Fraser, N. (2003). *Redistribuição, reconhecimento e participação: por uma concepção integrada de justiça*. Lua Nova, 58.

MBITI, J. S. (1991). *Religiões africanas e cristianismo*. Lisboa: Paulinas.

MINARS & UNICEF. (2008). *Avaliação rápida da situação das comunidades Khoisan em Angola*. Luanda, Angola: Ministério da Assistência e Reinserção Social & Fundo das Nações Unidas para a Infância.

ONU (2007). *Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas*.

Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em Educação Matemática*. <http://repositório.ul.pt/bitstream/10451/3007/1/06>. Bolema.

REPÚBLICA de Angola (2021). *Plano de Desenvolvimento Nacional*.

SAUGESTAD, S. (2001). *The Inconvenient Indigenous: Remote Area Development in Botswana, Donor Assistance and the First People of the Kalahari*. Nordic Africa Institute.

SAUGESTAD, S. (2001). *The Inconvenient Indigenous: Remote Area Development in Botswana, Donor Assistance and the First People of the Kalahari*. Nordic Africa Institute.

SILVER, H. (1994). *Social exclusion and social solidarity: Three paradigms*. *International Labour Review*, 133(5-6).

SIMONS, H. (2010). *Case Study. Research in practice*. London: SAGE Publication.

SMITH, L. T. (2012). *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples*. London: Zed Books

STAKE, R. (2009). *A arte de investigar em estudos de caso*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Guilbenkian.

SUZMAN, J. (2001). *An introduction to the regional assessment of the status of the San in Southern Africa*. Windhoek, Namibia: Legal Assistance Centre.

YIN, R. K. (2010). *Estudo de caso. Planejamento e método*. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Bookman.